

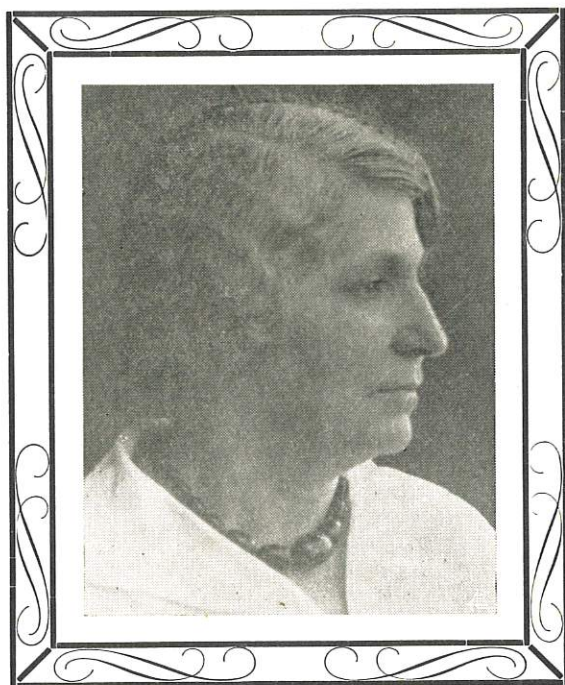
Ecclesia



Outubro e Dezembro de 1955
Ano 7.º

N.ºs 35 e 36

TERMINOU A SUA CARREIRA EFECTIVA DE
PROFESSORA PRIMÁRIA
EM QUE CONTOU CADA ANO DE LECCIONAÇÃO
POR MAIS UMA VICTÓRIA
E PRESTIGIOU A ESCOLA EVANGÉLICA LUSITANA
ONDE ENSINOU TRES GERAÇÕES
DURANTE CINQUENTA E SEIS ANOS,
A SENHORA



D. Lavina Augusta de Figueiredo



“**ECCLESTIA**” BEIJA AS MÃOS QUE ENCAMINHARAM TANTOS
SERES NA SUA INFÂNCIA, E TÃO DEVOTADA E
EFICAZMENTE LEVARAM A CABO ESTA GLORIOSA TAREFA.

Ecclesia

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA LUSITANA CATÓLICA APOSTÓLICA EVANGÉLICA

DIRECTOR:

EDUARDO H. MOREIRA

Rua das Janelas Verdes, 32-LISBOA - Telef. 66 4729

ADMINISTRADOR:

DR. DANIEL DE PINA CABRAL

Rua da Infanta Dona Maria, 97 - PORTO - Telef. 62720

A mais velha Aliança...

ESTÁ na ordem do dia o assunto momentoso das relações de Portugal com a Grã-Bretanha. Consinta-se-nos dizermos alguma coisa a esse respeito, não sob o seu aspecto de recente política, interna ou externa, mas, digamos: de "metapolítica", da lição de política eterna do Amor que Jesus Cristo inculcou aos homens e tão lentamente vai sendo aprendida.

Por uma lei moral de menor esforço, nós, portugueses, sempre temos procurado aproximar-nos de aqueles a quem melhor compreendíamos e mais perto estavam de nós, espanhóis, franceses, italianos; mas a política absorvente de Castela e a identidade de interesses marítimos com as Ilhas Britânicas levaram-nos prudentemente a preferir ligarmo-nos à nação que ali tomou o tridente do mando — em certo momento, quase universal. Quanto à França, que tanto influíra, pelos planos monásticos de Clúnia, na nossa organização inicial, e cuja cultura nos atraíu, depois dos trovadores que nos visita-

vam, por meio da Sorbona e dos outros Colégios famosos, a pirataria que atingiu o climax com Francisco I, assim como o imperialismo anti-britânico de Napoleão, obrigavam-nos a um esforço contínuo e fatigante de esquecimento de agravos, para realizar plenamente o princípio de que "amar é perdoar"...

Quanto às nações italiotas, a rivalidade colocava-nos em polo oposto. Quase só o seu pontificado Católico-romano nos trazia um tanto irmanados. Não muito, porque a política pontifical tanto servia para unir como para desunir, conforme as circunstâncias. Enfim, o desconhecimento habitual da suave língua de Itália nos prejudicou, pela exagerada influência da França, cuja língua, aliás tão clara e lógica, e cujo alto pensamento deveriam entre nós ter sido temperados com outros sons e outros juízos.

A Inglaterra, nação atlântica como a nossa, já na baixa Idade-Média tinha de ser aliada ou inimiga; e como mais forte que era, por suas

SUMÁRIO DOS N.ºs 35 E 36

A mais velha Aliança	1
Maria versus Fátima	3
Reminiscências e Perspectivas	4
Liberdade Religiosa, Rev. Dr. D. Pina Cabral	6
Sermão de Cinco Minutos, Rev. Arbiol	8
Lampejos do Passado, Rev. Armando Araújo	10
O Novo Ministro da Presidência, D. P. C.	11
Parentesco Bíblico do Primeiro Doc	12
Cânones, Rev. Dr. Daniel de Pina Cabral	13
Lusogramas	14
Na Seara	16
O Livro e os Livros	16

condições gerais, ou seria fatalmente inimiga dominante ou aliada auxiliadora. A sua política, tantas vezes oportunista (ou possibilista, se quiserdes), nem sempre nos foi favorável, por suas hesitações ou tergiversações, como no caso da "Charles et George", em que o orgulho injusto dos franceses nos maguou, e certa frieza egoísta dos ingleses nos desamparou; de ambos os lados se revelando, em franceses e ingleses, os tradicionais complexos de superioridade colectiva.

Do lado de cá também se falhou, como em tempos do senhor D. Pedro II... e basta apontar o facto, com lealdade.

Mas quanto devemos nós à nossa aliada, mesmo não olhando para o triste quadro da conquista de Lisboa, em que os nossos antepassados, cristãos, judeus e islamitas, foram cruelmente massacrados! Nas lutas do século XIV; na Restauração, do século XVII; em certos momentos, não todos, das lutas liberais, do XIX; enfim, nas grandes crises na Nacionalidade! Desde que os interesses se conjuguem, ou pelo menos não se oponham, as nações podem ser fraternas; e as nossas o têm sido, nessa base de cooperação.

No dia formosíssimo em que o interesse universal for um e o mesmo... mas não sonhemos.

*

O que se passou há pouco, com a visita a Londres do Chefe do Estado Português, digno representante de todos nós, recebido com requintes de gentileza pela nobre Nação Britânica e por sua Graciosa Magestade, Isabel II, comove todo o português bem formado. Nos portugueses cristãos reformados deve esse histórico sucesso produzir especial comoção.

Imaginemos o ilustre Presidente da República Portuguesa lendo, no sopé do monumento erecto à Rainha Victória, a célebre frase desta excelsa Senhora, ali gravada: "A Bíblia é o segredo da glória de Inglaterra!"

*

À Igreja de Inglaterra nós pouco ou nada devemos, no remoto passado, devido áquela maneira de ver que o leal cristão português que foi o P. Alves Correia chamou o "indiferentismo anglicano". Esse indiferentismo tem suas bases ideológicas, como todas as maneiras de ver que perduram. Uma delas parece ser: que a Igreja Oficial dum Estado não deverá influir na Igreja Oficial de outro Estado. Outra será: que cada

povo deve buscar a sua própria felicidade, e cada Igreja deve promover a sua própria reforma.

Como responder a esses dois pontos básicos? Parece-nos que desta forma: Se um corpo eclesiástico é impedido de actuar em testemunho junto de outro corpo eclesiástico, o seu espírito missionário não só pode mas deve manifestar-se onde quer que o Espírito de Deus o leve. E aí do corpo eclesiástico onde o espírito missionário esmoreceu!

Grande, muito grande tem sido a obra missionária do anglicanismo, tanto da sua parcela originária, oficial na Inglaterra, como nas outras parcelas não oficiais. E estamos pensando, ao escrever isto, na Igreja da Irlanda, que por quase um século nos auxiliou de todo o modo, em especial por meio do Conselho de Bispos que nos acredita no Catolicismo Reformado em todo o mundo cristão, e até na veneranda Ortodoxia Oriental.

Aí fica, pois, com uma certa máguia por oportunidades perdidas, a nossa gratidão; com a nossa recordação do passado, feita de claro-escuro, a nossa esperança no futuro, colorida nos tons mais alegres da Iris.

Oxalá que os cristãos que obedecem à mais velha Aliança em vigor, que anulou outra mais antiga, "encravando-a na Cruz", e nos abriu estrada recta para Deus, utilizem a aliança fraterna entre estes dois povos, persistente ao fim de seiscentos anos, para firmar um sincero respeito e um eficaz amor, acima de diferenças de seitas, mas dentro do "mesmo sentimento" que os Santos Apóstolos Pedro e Paulo a todos nós hoje e sempre nos aconselham.



As Escolas Primárias, anexas às Paróquias da Igreja Lusitana do Torne e do Prado, **também** foram autorizadas a reabrir, por despacho do Senhor Subsecretário de Estado da Educação. Mal se compreendeu que tivessem sido encerradas; contudo, aos que generosamente contribuíram para desfazer um erro (porque em mais de um sentido se tratou de um erro), os Directores das Escolas e os seus milhares de amigos exprimem a sua gratidão. Pela recente decisão governamental, os Directores das Escolas e da Associação dos seus antigos alunos foram apresentar cumprimentos ao Snr. Governador Civil do Distrito do Porto.

MARIA VERSUS FÁTIMA

QUANTO mais meditamos nessa suave figura de Mulher que Deus escolheu entre todas para da sua substância nascer no mundo o Eterno Filho de Deus, como diz o Credo Atanasiano; nessa Bem-aventurada Virgem a quem sua parente Santa Isabel disse: "E donde vem a mim esta dita: que venha visitar-me aquela que é mãe do meu Senhor?"; quanto mais sondamos o sentido recôndito e profundo das profecias milenares acerca da "Cristotocos", a Donzela que conceberia e daria à luz um filho, chamado "Emmanuel", isto é: "Deus conosco", mais cresce a nossa admiração, o nosso amor que ultrapassa as fronteiras existentes entre o Tempo e a Eternidade.

Qual será a designação apropriada a esse sentimento, tão terno e tão respeitoso, por Maria, a Bemditada mãe de Cristo nosso Senhor? Hiperdulia não é mais que um grau acima do culto dos santos e dos anjos, reprovado por S. Pedro e pelo anjo do Apocalipse e negado por todo o espírito do Novo Testamento. Assim, qual é, pois?

Um crítico inglês, da arte renascentista, escreveu há anos que o enigmático sorriso fixado pelo pincel de Da Vinci no rosto da Gioconda reúne e resume tudo quanto o homem tem sentido perante o "eterno feminino", seja a atracção ou a saudade do varão ante a Mãe, a Noiva, a Esposa, a Irmã, a Filha, a Camarada Ideal, sonhada ou encontrada nos caminhos da vida. Eis um pensamento sãdiamente pagão, respeitavelmente terreno. Comparemo-lo com o que se pode sentir, mais que dizer, da imagem ideal de Maria gravada em nossas almas traço a traço, como resumo e recalque de toda a ânsia filial e conjugal das almas, na contemplação daquela Bem-aventurança onde "todos seremos como os anjos de Deus", no dizer perfeito do Mestre e Senhor nosso.

Maria! O considerar as mulheres através dessa Mulher cria o cavalheirismo, o respeito fraternal do varão, e irmana mulheres e homens sob o signo de nossa Irmã-Maior.

Mas... um paganismo doentio que ficara na multidão mal evangelizada, que criava tantas Dianãs e tantas Junos quantas as regiões e as tribos, multiplicando as **invocações** de Maria calou a sua **evocação** legítima, eficaz. Veio a Rainha do Céu tomar o lugar da Virgem de

Nazaré; Murillo a pintou sobre a lua e rodeada de estrelas, como se ela fosse a Mulher da visão de Patmos, símbolo da Igreja de Israel que deu à luz um menino no deserto: a nova Igreja que nos inclui e encaminha.

Dir-se-á que não há mal imediato nessa multiplicidade de invocações. Nos primeiros séculos da nossa nação Santa Maria era padroeira simbólica de Bouro ou Alcobaça, o que perfeitamente se compreende; mas quando se lhe associaram todas as nossas mágoas e situações aflitivas, todos os desejos que a nossa alma alimenta, todos os passos da sua biografia bíblica ou lendária, todos os objectos do culto antigo ou recente Senhora do Fastio... Senhora da Boa-morte... Senhora das Dores... Senhora do Rosário... e quando a teologia tradicionalista, esquecida do sentido de reforma, ou regresso constante às origens, foi gradualmente criando uma intercessora universal, uma co-redentora imaculada e quase vencedora da própria morte, desaparecia da alma cristã, de muitas almas cristãs, a figura a um tempo terna e heróica da autora de um dos mais belos cânticos de louvor, de um dos mais antigos libelos de justiça social, a Ante-Mártir do Cristianismo, de coração traspassado pela espada profetizada por Simeão.

Diz um pitoresco provérbio alemão que as árvores não deixam ver a floresta, o que pode significar o eclipse da verdade em conjunto, pela análise meticulosa dos pormenores. Cremos poder dizer que Maria, a santa mãe de Cristo, é esquecida, tanto mais quanto mais se veneram Senhoras, na mente popular seres diferentes, portanto ídolos, e no critério da gente culta circunstâncias autonomizantes, involuntariamente sobrepostas àquela que nos merece amor e imitação.

Lurdes, Fátima, La Salette, Sameiro... O Imaculatismo vituperado genialmente por Herculano; o rosário, zombado genialmente pelo povo (que diz: "Quem reza por contas desconfia de Deus"). E poderemos juntar, sem escândalo, uma senhora preta, ingénua lisonja sem vantagem real; uma outra de cabelos cortados e saís curtas, que a autoridade eclesiástica aliás, prudentemente, não aprovou, mas que nos deu um índice moderno dos antigos processos; estátuas que choram, leite que se conserva como relíquia preciosa. Tudo isso só está afastando a alma cristã da doce imagem espiritual de Aquela que não será adorada por nós, mas que é "Bemditada por todas as gerações".

O "Diário de Lisboa" publicou em Setembro findo uma série de artigos da autoria do pastor Emanuel La Gravière, conselheiro da União Francesa, que, viajando por África e pelo Próximo Oriente reuniu, com paciência e diligência exemplares, provas documentais e testemunhais de que as nações árabes continuam permitindo, quiçá fomentando, a escravatura, realizada em condições revoltantes por indivíduos "conceituados" — um deles oficial da Legião de Honra... Um certo francês de côr, cativo por traição, em circunstâncias aliás comuns, conseguiu fugir para a legação da França em país muçulmano, mas aí foi-lhe negado asilo, por "impossibilidade técnica"; e só viajando clandestinamente conseguiu por fim a ambicionada liberdade. Estes documentos recordam-nos o livro "Mercados de Escravos", de J. Kessel, versão de Osório de Castro. É um outro mais antigo, em inglês, "King Leopold's Soliloquy", sátira de Mark Twain, sobre as atrocidades praticadas há oitenta anos no "Estado Livre do Congo". E raciocinamos: fala-se em civilização cristã e civilização ocidental, como sendo fenómenos idênticos. Negamos. A civilização cristã deu a primeira machadada expressa na escravatura há quase dezanove séculos, com a carta de S. Paulo a Filémão, e condenou as atrocidades desde o Sermão da Montanha, do próprio Cristo. O seu gérmen oriental está em Oseas, e o seu desenvolvimento teve por campo o mundo, como o Senhor dissera na parábola da sementeira. Muito lentamente, é certo, se vai criando uma nova civilização, que não depende dos pontos cardiais e tem a cidadania no Céu, e cuja projecção se faz nas almas eleitas. Por seu turno a civilização ocidental, com todas as suas boas intenções, ainda no dia de hoje pactua — sem gosto, concedemos — com os seres humanos em almoeda, a povoação dos harems e certas infâmias que esse uso acarreta. Ao pastor La Gravière surgiu a oportunidade de publicar o corajoso libelo, que bem desejaríamos trouxesse benefício imediato a muitos milhares de semelhantes nossos.

O ministro António Ferro, em 20 de Setembro, nas "Rencontres Internationales" de Genebra, interveio com brilho no debate sobre educação

REMINISCÊNCIAS E PERSPECTIVAS

popular, afirmando haver "certas constantes que não devem ser esquecidas: a religião, seja qual for, a moral, a poesia, o próprio coração do homem. São estas constantes — acrescentou — que devem temperar, humanizar todas as inovações, todos os progressos da técnica moderna. Entre elas devem também incluir-se certas tradições populares, comuns, se bem que com aspectos diferentes, a todas as raças...". Bem pensado e bem dito. Por exemplo: para levar o nosso povo à certeza da Providência, deve-se começar pelas suas tendências fatalistas e, por assim dizer, expurga-las, liberta-las da obsessão milenar, até à compreensão que a Graça revelada nos traz, do erro em que os homens caem sempre e da correcção perpétua de Deus. Para lhe dar a ânsia de comunhão com o Divino, deve-se sublimar a noção da sua "saudade" como recordação da queda inicial, recordação triste que se tempera com o desejo estimulante duma restauração. Também aquele mixto de crítica "gilvicultina" que atinge o clero e o culto, e de apêgo à Igreja como centro da nossa vida de solenidade e de seriedade, pode ser depurado no contacto do espírito profético e no respeito da ordem sacerdotal, que se recebe no uso diário, piedoso e orientado, das Escrituras Sagradas.

Um eco da "France Press", de 7 de Setembro, informa-nos que um pastor presbiteriano, na América do Norte, que de noite ganha a vida como motorista de "taxi" (como S. Paulo a ganhava como artesão de tendas de campo, quando as igrejas se esqueceram do seu dever) foi assaltado há dias por um malfeitor armado de faca. O pastor tinha como arma única a oração a que recorremos na aflicção, e o testemunho, que aproveita todas as circunstâncias. Apesar de ver a faca apontada à garganta, conseguiu falar ao sicário, de tal modo perguntando-lhe se aquele género de vida lhe tem dado proventos apreciáveis, se lhe proporcionara amigos, tão necessários nos dias maus, e se lhe aplanara as dificuldades da existência, que o desarmou moralmente anulando-lhe a energia assassina. Decerto o pastor-motorista encontrou uma primeira frase que milagrosamente sustou o golpe, e então o diálogo se conduziu até levar o

salteador a orar com ele, assim o afirma a notícia. "O Poder da oração susteve o braço do criminoso", disse, e muito bem, o "Diário de Lisboa".



Em Greeneville, Estado de Tennessee, o "bispo" H. A. Tomlinson, inspector geral duma seita que se intitula "Igreja de Deus", foi solenemente coroado, na 49.ª assembleia geral dessa seita, fez agora um ano. Não sabemos se no mês passado se repetiu a coroação numa 50.ª assembleia. O título recebido nessa coroação é de "Rei de todas as Nações dos homens". Nada menos. O manto e a coroa deste novo rei foram fornecidos por uma agência teatral, e o trono foi emprestado pelos franco-mações da cidade. Assim o narrou o "Daily Telegraph & Morning Post" de 6 de Setembro de 54. Ora nós, os Portugueses, não teremos muito que estranhar estas realzas de empréstimo, pois além de coroarmos "imperadores do Espírito Santo", nos Açores (e ainda na serra de Sintra, no lugarejo do Penedo, todos os anos se coroa um adolescente, com rústica solenidade) tivemos um soldado feito rei do Pegu, e não por algumas horas; e se não tivemos "reis do petróleo", ou "dos caminhos de ferro", e outros, como proliferam lá por fora, tivemos o "Rei da Madureza", curioso tipo popular que muito bem conhecemos na remota infância, pregando pelas ruas de Lisboa. E saltando para um assunto sério, lembraremos que muitas e aparadas penas, por esse mundo, reclamaram para o bispo de Roma, primaz da Itália, o título de "Papa-rei", título que, a nosso aviso, não aumentava a venerabilidade da posição eclesiástica de Pio IX. O que resulta desta notícia do Tennessee e dos nossos modestos comentários, é a tristeza de à sombra de Quem disse: "O meu reino não é deste mundo", se fizerem tão inúteis exhibições, seja na Europa seja na América.



De interessantes notas de viagem do nosso prezado colaborador Rev. Pinto Ribeiro, actualmente no Canadá, extraímos esta, muito digna de ponderação: "Encontramos Nova Iorque, ao contrário dos meus pre-juízos, uma cidade luminosa, acolhedora e simpática... Junto do hotel onde pernoitamos, na 4.ª Avenida, fica uma linda igreja, da nossa tradição anglicana. Com muitas outras,

esta igreja abre do meio-dia às duas para qualquer pessoa que passe entrar e ficar uns momentos em recolhimento e oração. O interior incita à adoração. O grande órgão de tubos inunda o ambiente de dulcíssimos sons. Consolei-me de lá estar um bocadinho em recolhimento e oração, juntamente com outros que "passavam pelo caminho". Eram treze horas. Na Inglaterra é também agora o costume, tanto na comunhão anglicana como em muitos sectores das igrejas livres, abrir os templos do meio-dia às duas, e ter séries contínuas de serviços litúrgicos de quinze minutos. Vi gente orando e chorando, nestes momentos de culto ao Altíssimo, derramando diante de Ele uma alma abatida ou um coração constricto e humilhado. Em Gramarcy Street, entre a 4.ª e a 5.ª Avenidas, mesmo ao pé do nosso hotel, há uma velha sinagoga, com os anúncios em hebraico sagrado. Parei a ver se os podia traduzir. Um sujeito, à porta, convidou-me para entrar. Teria entrado com gosto, mas o tempo não mo permitiu. E eu ia de cabeça; mesmo assim o bom israelita não deixou de me convidar insistentemente". Pensamos dar oportunamente outras notas tão vivas e pitorescas, do nosso bom amigo e colega.



Lemos, em secção especialista da nossa Imprensa, que o encarregado dos serviços de protecção dos Índios dos EE. UU., Cândido Randon, lançou um apelo a Hollywood para que "se evite apresentar os peles-vermelhas como selvagens e perversos". O cronista acha justo o apelo mas duvida da sua eficácia, porque o "género" tornou-se um filão ainda longe de se esgotar. Lembramo-nos que, quando secretário-geral da Associação de Escoteiros de Portugal, propusemos a designação de "selvismo" para traduzir o "woodcraft" adoptado pelo escotismo, conjunto de usos e normas onde o lealismo dos aborígenes americanos era, e supomos que é, posto em relevo. Aí, eram as qualidades melhores do proto-americano que se imitavam. Que elas existissem, disse-no-lo o missionário e viajante cristão Glass. Só encontrou o roubo e a mentira onde os europeus tinham chegado... Estes pensamentos levam-nos para um outro povo, estranho e inassimilável nas nossas terras: os ciganos. Estes têm sido sempre conhecidos por esses mesmos defeitos que levámos à América, na opinião de Glass, talvez porque as suas burlas e furtos

são postos mais a descoberto. Mas a sua vida nómada, que foge às responsabilidades dos sedentários, a miséria que acompanha a aventura, a segregação imposta, outrora até sob pena de morte, não explicarão este juízo? E que tem feito a sociedade portuguesa por eles, além dessas leis draconianas? Quem os educou? Quem os evangelizou? Quem procurou fixá-los pelos métodos da colonização inteligente?



Um certo caricaturista que assina Vilhena e tem um traço hábil e um riso fácil, em um dos nossos melhores quotidianos, desdenhando tantos motivos que o cercam (por exemplo, a irrisória política terrena, nas relações internacionais, no que se imortalizou Rafael Bordalo e teve nome europeu Leal da Câmara) tem procurado rir daquilo que para as almas cristãos é digno do maior respeito: o céu, a bem-aventurança, a vida do além. Supomos que lá não chegam essas vozes; mas o processo, aliás revelador de ignorância escatológica, pode produzir um lento desgaste das crenças, já de si imprecisas, da multidão, abastardando e deseducando ainda mais a nossa gente, vítima de tantas correntes grosseiras e balofas. Entretanto cá vamos nós meditando nesta estranha sociedade em que a fé da maioria exige monopólio, minorias piedosas e sinceras sentem-se desprezadas e prejudicadas, e ao mesmo tempo os balcões do recreio público, da informação geral e da arte se permitem irreverências tão deselegantes.



Para comemorar o 12.º centenário do beneditino medieval inglês S. Bonifácio, evangelizador da Europa Central (Germânia, Gália e Frísia) o respeitável ancião Pio XII publicou no ano passado a encíclica "Ecclesia fastos". Depois de nela evocar o apostolado do santo missionário do século VIII, destaca "a caridade ardente, a confiança ilimitada do santo na Graça Divina e sobretudo a sua fidelidade e o seu amor ao trono de S. Pedro". Estamos bem a ver ao que aqui se quis chegar: novo apelo aos protestantes e aos ortodoxos, que Pio XII, gratuitamente, considera "não católicos", para se subordinarem à política subtilmente iniciada pelos bispos de Roma desde 250, política que foi, no decurso dos séculos, fonte de inovações desvirtuadoras do Evangelho de Jesus Cristo, nosso Único Pastor Universal.

Liberdade Religiosa

O problema da liberdade religiosa nasce sempre que o Estado tome uma de duas atitudes: ou perseguir toda a espécie de religião; ou perseguir todas as religiões menos a perfilhada pelo Estado; ou perseguir alguma religião que considere particularmente hostil aos seus fins.

O Estado Português não se enquadra tipicamente em nenhuma destas classes; mas seria falta grave das comunidades religiosas portuguesas dissidentes de Roma não examinarem atentamente os factos da nossa vida social que denunciem um esforço, nem sempre discreto, de o colocarem na segunda daquelas categorias.

Este exame, e as reivindicações a que dê lugar, devem na verdade ser empreendidos zelosamente e sensatamente, não com o espírito azedo e rancoroso de quem deteste o opressor de que não pode livrar-se, mas com o amor construtivo dos que, vítimas de um desequilíbrio de ideias na sociedade, procuram reajustá-las, não tanto pela razão egoísta do seu bem, como pela razão altruista da maior dignidade e felicidade da Pátria.

Tal atitude positiva é tanto mais justificada entre nós, quanto é certo não se encontrar o Estado Português submetido a uma incontrolada influência da hierarquia romana, que, neste capítulo, expressamente confessa pretender o exclusivo da acção.

Sem nos reduzirmos a queixas e recriminações impotentes, devemos olhar o problema como cidadãos livres e conscientes de um Estado que nos reconhece "liberdade e inviolabilidade de crenças e práticas religiosas" (Art. 8.º da Constituição) e, consequentemente, nos habilita a exigir o não sermos "perturbados no desenvolvimento desta nossa actividade lícita" (Prof. Marcelo Caetano in O DIREITO Ano 87, pag. 120).

Procuremos compreender qual a razão porque somos menos estimados na nossa qualidade de cristãos dissidentes da confissão maioritária, e procuremos também demonstrar que, por um imperativo lógico do nosso pensamento religioso comum, somos portugueses verdadeiramente integráveis na vida social da Pátria, mesmo a vida política, e portadores de um espírito cívico cheio de benefícios potenciais para a comunidade nacional na qual havemos por honra e graça de Deus ter nascido.

* * *

Porquê a maioria católica-romana dos portugueses nos não compreende, e a custo nos tolera na cena pública?

Talvez pela mesma amarga razão que, em tempos idos, quando a história registava a existência de Estados confessionais protestantes, os indivíduos de credo divergente eram incompreendidos. Uma elementar honestidade obriga-nos a reconhecer que a perseguição religiosa não tem sido através dos tempos apanágio de Roma, ainda que o absolutismo da escola romana pende para isso.

Não foi Roma mas Calvino quem fez queimar Miguel Servet; não foi Roma mas os presbiterianos quem perseguiu os episcopais da Escócia; não foi Roma mas Cromwell quem mais ferozmente atacou os anglicanos; não foi Roma mas os anglicanos quem homiziou os puritanos para a América.

As perseguições, os autos de fé e o ódio teológico não dimanam de nenhuma igreja, **qua tal**, mas do homem pecador, do cristão principiante que não aprendeu ainda, com o próprio Senhor da Igreja, **de que espírito é**. Se eu tiver o maior zelo pela religião e for o maior político da terra, mas não tiver caridade, essa que tudo sofre, tudo crê tudo espera, sou um **menino de leite** nas coisas de Deus (S. Paulo). E estes **meninos de leite** encontram-se em todas as Igrejas, e têm subido a todas as cadeiras do poder.

A nós, evangélicos portugueses que, como evangélicos, não podemos atirar a primeira pedra, incumbe-nos perdoar e compreender, com penitência da nossa própria natureza falhada, a causa das falhas alheias. Saibam os amar aqueles que pecam, vítimas da poderosa tentação, do "gosto vilão" (como diria o Snr. Cardeal Cerejeira) de usar em defesa das suas convicções, e contra consciências de divino valor, a força coerciva do poder temporal que transitòriamente se lhes oferece, gratuita, como levianamente julgam, mas bem onerosa, como a história regista... e registará, porque as mesmas causas, nas mesmas condições, produzem os mesmos efeitos.

E iremos mais longe: agradeceremos a Deus não nos encontrarmos nós na sua situação, pois nada nos garante (aos que não sejamos do tipo do fariseu que sobe ao templo em desprezo pelo publicano!) que houvessemos de ser mais imunes a essa tentação, a esse gosto, do que eles têm sido.

Um outro factor, talvez não menos importante, da frieza com que, em geral somos recebidos, é a

relutância natural, em todos existente, para atender com simpatia os emissários de um credo que viria modificar as bases profundas em que assenta o nosso pensamento, e nos traria as angústias duma crise espiritual.

* * *

O nosso segundo dever consiste em demonstrar àqueles a quem Deus confiou a tarefa menos grata de governar o Estado, mantendo a ordem, **e salvaguardando, entre outros, os valores espirituais do povo**, que as igrejas protestantes (falamos pelas tradicionais, as únicas que conhecemos bem) são alfobres de virtudes cívicas, que ao mesmo Estado incumbe proteger com superior visão, ou, pelo menos, respeitar com fidelidade aos mais elementares princípios em que pretende apoiar-se a civilização cristão ocidental.

As igrejas portestantes, por divididas que estejam em matérias teológicas, litúrgicas ou devocionais, todas são unânimes em tres pontos que, fundamentalmente, nos interessam aqui:

- 1.º — A soberania universal de Deus;
- 2.º — A dignidade do indivíduo;
- 3.º — O respeito consciente e livre da autoridade legitimamente constituída.

Creemos que Deus é Pai de todos os homens, e que a Sua lei, expressa nas Sagradas Escrituras, está acima de todas as nações; por isso cremos que o Estado se deve submeter a essa lei moral e às verdades básicas do Cristianismo, se qu' ser realizar a sua principal finalidade: o desenvolvimento da personalidade e o bem estar do indivíduo. Por isso também condenamos todo o conceito de ilimitada soberania que faça da pessoa humana função do Estado, ou de qualquer instituição, por eclesiástica que seja.

A Constituição Política da República Portuguesa diz que o Estado está subordinado à moral cristã e ao direito, pelo que vem ao encontro deste princípio essencial de todas as igrejas protestantes.

Creemos que cada pessoa humana tem um inalienável valor em si mesma, porque foi criada à imagem de Deus, e Deus, no seu infinito amor por cada um de nós, deu Seu Filho Unigénito a morrer na Cruz do Calvário, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna.

Cada indivíduo, portanto, está vinculado a deveres para com Deus, seu Criador e Redentor, e,

consequentemente, para com os homens, seus irmãos e companheiros de peregrinação. Ora, para que possa exercer estes deveres, livre e responsavelmente, Deus lhe concedeu direitos naturais, que a Igreja Universal proclama, e o Estado não pode deixar de reconhecer, sob pena de se revoltar contra a missão que a Providência lhe destinou, e criar desordem. Se, preocupado com a ordem temporal, o Estado, por falta de visão ampla das realidades espirituais, ofende a Ordem divina, abala os próprios alicerces da sua construção.

Ora, como o primeiro entre esses direitos naturais, avulta a liberdade religiosa, **liberdade de culto e de comunicação de crença**, porque o primeiro dever do homem é de prestar glória a Deus, **livre e esclarecidamente**.

Também a nossa Constituição, em termos gerais, concorda com esta crença.

Finalmente, todos nós cremos, como ensina o 37.º Artigo de Religião da Igreja Lusitana, "ser um dever de todos os que professam o Evangelho, o obedecer respeitosamente à autoridade civil, regular e legalmente constituída", e cooperar com ela em toda a boa obra. É por isto que, **mesmo sem estímulo**, das nossas igrejas sobem dominicalmente preces sinceras pelas pessoas que ocupam os órgãos de soberania do Estado. Ora quem livremente reza por um homem não pode deixar de ser útil a esse homem.

* * *

Constituindo uma minoria, mantemo-nos firmes na fé. Temos uma crença, e suportamos todo o mal que nos façam em razão dela, preferindo "morrer a honrar a divindade dos Imperadores". Não renegamos a nossa consciência para conquistar comodidades. Não cedemos à bajulação. Respeitamos a autoridade. Vivemos intensamente as horas de alegria e de tristeza da nossa Pátria. As prisões desconhecem-nos, salvo se lá nos levam por amor do Evangelho, ou lá nos deixam ir pregar o Evangelho. Desde crianças temperamos as nossas almas na adversidade dos que suportam o ridículo e o desprezo daquilo que têm por mais sagrado.

E contudo, trazemos a nossa cabeça levantada.

Seja-nos consentido o orgulho de afirmar: se o Estado quer bons portugueses, dificilmente os encontrará mais leais, mais honestos, mais firmes de carácter, do que entre os filhos das famílias protestantes, e algumas são já velhas.

NA NAVE

Sermões de Cinco Minutos

Pelo Rev. A. F. Arbiol

A vida de cada um não consiste na abundância das coisas que possui.

S. Lucas, 12-15

A Paz de Deus seja convôscos.

A parábola do rico insensato é sempre oportuna. A palavra "vida", dada a sua relação com a de "felicidade" pode ser tomada por esta porque, ainda que veladamente, era a ela que Jesus se queria referir. A felicidade não consiste na abundância nem na míngua de bens materiais. É frequente dizer-se que o dinheiro não faz a felicidade. Embora haja algo de verdade nesta asserção, o certo é que a pobreza também não a faz. Há ricos que são felizes e pobres que também o são. Contudo, talvez haja mais pessoas felizes no segundo caso do que no primeiro. Conta-se a história dum príncipe muito infeliz a quem os oráculos disseram que encontraria a felicidade se conseguisse vestir a camisa dum homem feliz. Logo se mete a caminho, andando, em vão, de terra em terra, em busca de tão precioso talismam. Num dia de ardente calor, encontrou um homem a lavar um campo, nu da cinta para cima, cantando alegremente uma canção popular. Dirige-se, então, a ele e perguntou-lhe se era feliz. "Sim, sou feliz, tanto quanto se pode ser".

— "Vende-me então a tua camisa", diz-lhe o desditoso príncipe.

— "A minha camisa!" responde o lavrador com uma estridente gargalhada: "isso é coisa que não tenho".

A história mostra-nos que a felicidade

pode existir mesmo na maior pobreza. Ele tinha alegria por ter saúde, e alimento por ter trabalho. A felicidade não é uma peça de pano que se compra feita. Cada um tem de a tecer para si mesmo e, nessa ocupação, conquista os meios de ser feliz. Deus fornece a matéria prima para a execução de obra tão grandiosa. Jesus não censura o rico insensato por ter deitado abaixo os seus celeiros e construído outros maiores, mas sim por ser avarento e pensar que tinha bens para toda a vida. E tinha de facto, como ainda hoje muitos têm bens para toda a vida; o que não têm é vida para os gozarem sempre. Jesus Cristo diz que o que aconteceu àquele homem, acontecerá a todos que não forem ricos para Deus. Ser rico para Deus é uma expressão que supõe a maior e mais fecunda de todas as riquezas. Ser rico para Deus não envolve a louca ideia de dar a Deus seja o que fôr, porque tudo o que temos a Ele o devemos. Ser rico para Deus significa ajudar, na medida do possível, os pobres, dar um pouco de alegria aos tristes e aliviar o sofrimento alheio. Os que são ricos para Deus nunca serão pobres, porque o seu tesouro no Céu aumentará à medida das acções boas que praticarem, e não estará sujeito às precárias garantias terrenas. Se a parábola nos ensina que a fortuna não dá felicidade, ela nos ensina também que a felicidade nos dá fortuna de alegria, de gozo e paz espiritual. Pode-se ser mais feliz na suave e calma resignação de se ter menos do que se precisa, do que na desmedida e perturbadora ambição de se obter mais do que é necessário. A verdadeira felicidade consiste em se contribuir para a felicidade dos outros. Pode haver muitos géneros de felicidade, mas este é, indubitavelmente, o principal. A parábola é um aviso solene contra o

egoísmo, porque o egoísta é o demolidor da sua felicidade e da dos outros. É das pessoas que fazem provisões para a vida terrena como se ela nunca acabasse, e para a celestial como se ela nunca começasse. Este homem não era insensato por ser rico porque, salvo algumas excepções, é preciso ter inteligência e habilidade para se conquistar a riqueza; mas era insensato por julgar que nunca morreria. Essa ideia contraria a lei imutável da vida, impede o progresso moral e o exercício da principal virtude que implica com a bondade e o amor fraternal. Se todos pensassem na brevidade da vida, acabariam por se convencer da inutilidade do ódio, do egoísmo e outros sentimentos que fomentam a desgraça e miséria humana. Olhariam mais para o Céu do que para a terra, procurando, pela fé em Jesus, revelada em actos de amor, o acesso ao gozo espiritual que ali se desfruta.

Oração pela unidade dos Cristãos

Texto francês de
Claude Rozier
Versão portuguesa de
Eduardo Moreira

Melodia de Valentin
Conrad (1603-1675)
Harmon. J. Gelineau
(Edições Schola Cant.)

Senhor, escuta esta oração
De quem aspira sempre a Ti,
Que nada faz, nem é, sem Ti:
Senhor, escuta esta oração!

Nossa unidade queres, Pai,
Que manifeste o Teu amor.
Esfacelados, ó Senhor,
A Ti noss'alma em prece vai.

A Tua paz, Senhor, nos dá;
Junta os dispersos, Bom Jesus.
Unidos ao redor da cruz,
Assim o mundo então crerá!

De "Sémaine de Prière")

LAMPEJOS DO PASSADO

PROBLEMAS DE ONTEM,

OS DE HOJE!

Ol-o e conheci-o, era eu pequenito. Ouvi-o prègar em algumas das Festas das Colheitas, primitiva Capela do Torne, Gaia e, depois na Capela do Redentor, Porto, quando fui aluno da sua Escola Dominical. Refiro-me ao ex-Padre Guilherme Dias, prestigiosa figura, nos primórdios da evangelização no Norte do País, a qual, por um infortúnio, se afastou do pastorado da Capela do Redentor, indo fenecer ao Brasil, prègando o Evangelho de que era apóstolo e intrépido apologeta, com quem, entre outros, se teve de haver o bispo do Porto, Cardeal D. Américo, e de quem parece ainda haver descendência da sua prole.

Já lá vão muito perto de três quartos de século, depois que aquelas Capelas e outras, às quais hoje se chamam Igrejas e genèricamente Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica, se enchiam de lés-a-lés, para ser escutado o seu aliciente verbo, como era lida, relida e disputada a sua obra panfletária, tudo inspirado na expansão e defesa das doutrinas do Evangelho de Cristo.

Porque isto é ignorado de novos e esquecido dos seus velhos e raríssimos contemporâneos, vamos apresentar-lhes uma colectânea de pequenos respigos de um dos seus livros, **No Lar e na Tribuna**, publicado em 1895, portanto há 70 anos!

Principiemos pela Família, hoje politicamente debatida como problema a exigir imediata solução. Escreveu o ilustre escritor: "A Família é a pátria do coração... Tende sempre como uma santa constituição, a Família. Considerai-a uma condição inseparável da vida, ela é obra de Deus, não dos homens; poder algum humano poderá jamais substituí-la, embora tente certa filosofia brutal e egoísta que apregoa como remédio aos males sociais a supressão da Família... Tornar cada vez mais respeitável e estreitá-la cada vez mais nos laços que a ligam à pátria, eis a missão de um Povo. Aquilo que é a Pátria para a Humanidade, deve-o ser a Família para com a Pátria."

Sem comentários, passemos a ver, como

encarou a tão decantada questão social: "Quando lançamos um olhar atento sobre o estado da sociedade, nos tempos que vão correndo, observamos com bastante desprazer que a parte moral da existência humana, aliás tão nobre e tão interessante, não está porventura ao nível dos progressos que os povos da terra fizeram nos últimos séculos, e particularmente no actual... O luxo e o prurido da ostentação desenvolveram-se de um modo assustador e esses cruéis e insaciáveis minotauros vão devorando a fortuna, talvez a honra, e por certo o sossego e a paz das famílias."

Isto, parece escrito hoje! Do momento que passa, parecem também as seguintes afirmações, apesar de alguma coisa que se está fazendo pelas crianças: "De todas as misérias que infamam as sociedades modernas, a mais comovente e profunda de todas elas, é a miséria que averga o corpo, que esmaga o sentimento da dignidade, apaga a luz da consciência e atrofia o espírito desses pequenos seres, que nascem nos abismos das sombras e nos ásperos desamparos da penúria... O terrível problema da criminalidade não se resolve com as penas comutadas nos nossos códigos; o cárcere, o degredo e a penitenciária não educam, não moralizam nem regeneram; o que é preciso é dar a todos a instrução, a educação e o trabalho, o pão do corpo e do espírito; o que é mister é levantar na criança a majestade do homem, encarnar-lhe na consciência o sentimento da justiça."

Para levantar na criança a "majestade do homem" é necessário que a mãe compreenda e tenha sido preparada para a responsabilidade da sua missão: "Por isso — diz o autor que estamos citando — que uma boa mãe deseje ter o justo orgulho de chamar joias aos seus filhos, indispensável se lhe torna que os crie com todo o cuidado... É sobre este ponto que eu desejo indicar às mães uma prevenção salutar. Haja todo o cuidado em que... não entretenham as crianças com histórias que envolvam sustos e terrores, nem as façam faltar à verdade... Contam por velha usança, nas terras do Norte, muitas histórias de bruxas, de duendes, de lobisomens, do diabo transformado em mil feitiços, do papão, etc."

Estas histórias continuam a ser influenciadas no espírito juvenil e, continuarão a influir enquanto se não fizer compreender que: "O berço de uma criança ocupa no lar doméstico um lugar eminente.

É trono onde a inocência se impõe às dedicações e respeitos; é altar onde o amor dos pais consagra a Deus a hóstia do futuro; é academia de grande ensinamento; é alvorada que sorri para despertar carícias e jardim de viçosíssimas esperanças; é bússola que orienta o presente e norteia o porvir."

Dir-se-nos-á estarmos atravessando um período de transição, pelo que o temos cotejado, entre o muito que seria útil mais cotejar, já está sendo posto em acção. Pômos-lhe as nossas dúvidas. Já no declinar do último século o mesmo se dizia, mas, o ex-Padre Guilherme Dias exclamava: "O que é preciso fazer para sair desta situação violenta; para afastarmos dos lábios este cálix angustioso e amargo?... É necessário acabar com esta crise tormentosa, com esta doença moral, com esta obra desvairada que entenebrece os espíritos e alucina as consciências... Levantemos sobre o altar dos nossos corações duas imagens sagradas: A Verdade e a Justiça. Proclamemos por toda a parte o Evangelho dessa santíssima religião, que se inspira na Fraternidade, na Bondade e no Amor."

Temos de ficar por aqui. Se um dia esta e outras obras, deste e outros evangelizadores, se puderem reeditar, no que convinha não haver demora, arrancando-as à poalha espessa do desdém e do esquecimento dos velhos, muito terão que aprender os novos, e a Gratidão será o Hino impulsivo da continuidade, entre espinhos e louros, calcados os primeiros com a perseverança da Fé e, os segundos ganhos na humildade de Cristo.

Rev. A. Pereira Araújo



Morreu Mrs. Herbert Cassels. Senhora de altas virtudes, bem mereceu, pela sua grande caridade e devoção à Igreja, o respeito grato de todos nós.

Com a sua morte, a Igreja sofre uma sentida perda.

"Ecclesia" apresenta a seus Filhos e Netos o testemunho da sua simpatia.

O NOVO MINISTRO DA PRESIDÊNCIA

FOI com uma impressão de alegria que se tomou conhecimento de haver assumido as funções de Ministro da Presidência o Professor Doutor Marcello Caetano, fiel católico-romano.

O "*Jornal Português de Economia e Finanças*" (Ano III-24) escrevia: "Seria ocioso e impertinente lembrar quem é o Doutor Marcello Caetano, como bem afirmou na cerimónia da posse o ministro cessante, Sr. Doutor Costa Leite. Depois dos Srs. Presidente da República e Presidente do Conselho, nenhuma figura política no nosso país o iguala, ou sequer se lhe aproxima, em envergadura e prestígio".

Quem conhece a pessoa e a obra científica do Professor Marcello Caetano sabe estar o Ministério da Presidência confiado a um português, cristão e corajoso, de superior capacidade intelectual e exemplar devoção à **res publica**.

Politicamente, é o que nos interessa a nós, evangélicos.

Do mesmo "*Jornal*" acima citado (Ano III-25) transcrevemos as seguintes palavras do Prof. Marcello Caetano, escritas há vinte anos, é certo, mas que nem por isso deixarão de traduzir o actual pensamento deste ilustre e coerente Mestre de Direito. São elas bem gratas à nossa mentalidade livre, criada e temperada nos sofrimentos duma minoria religiosa *que prefere morrer a honrar a divindade dos imperadores*:

"Há palavras que perdem o sentido e ideias que o tempo ou a paixão desvirtuam. Quando um dia se torna necessário evocar a velha, a verdadeira acepção, quando urge emprestar novo brilho a primitivo conceito, encontram-se os homens perante a realidade

de um descrédito quase irremediável. É o caso da liberdade.

Falar nela hoje em dia chega a parecer subversivo; e quem se atreve a defendê-la, corre o perigo de ser considerado espírito retrógrado:

... A liberdade individual, como expressão antinômica da escravidão, é uma conquista cristã. Foi o cristianismo que proclamou as separações fundamentais que a garantem: o Senhor acentuou sobretudo a separação entre o domínio espiritual da política e da religião (o que não quer dizer Igreja e Estado) ao ensinar que o seu reino não era deste mundo e que a César se deve dar o que era de César. Contra a confusão pagã dos dois domínios se ergueram os mártires que preferiam morrer a honrar a divindade dos imperadores.

Coisas esquecidas até por quem se devia lembrar delas".

Queira Deus de tal maneira encher o novo Ministro e seus pares do Seu Espírito Santo, que todas as suas decisões sejam para exaltação da Sua glória, para o bem da Sua Igreja, e para a prosperidade do País a cargo deles, a fim de que a nossa Pátria goze para sempre das bençãos da paz, do progresso e da religião. (Do Ofício de Matinas). D. P. C.



PARENTESCO BÍBLICO DO

Primeiro Documento Literário em Português?

HÁ 765 anos que se escreveu o primeiro documento conhecido da língua portuguesa: uma "cantiga de amor", de Paio Soarez de Taveirós, dedicada a uma certa dama conhecida por "Ribeirinha".

A língua principiou, pois, por um teste da sua psicologia amatória, do que se não pode tirar uma consequência exagerada. Os documentos sérios eram então escritos no latim bárbaro e as orações ditas no latim de igreja mais ou menos compreendido. O uso da linguagem popular

ficava para as relações de família e entre os populares, como sucede ainda hoje com o crioulo de Cabo Verde, por exemplo. Aí também os poetas estão usando já o seu falar especial na versificação dos seus sentimentos.

Naquela primeira cantiga conhecida há entretanto um verso que nos parece digno de uma particular atenção. É este:

"Mia senhora branca e vermelha!"

Perguntemo-nos: referir-se-ia o poeta às cores da tês dessa dama, e não haveria na frase descritiva um pensamento mais alto, uma alusão alegórica a outras qualidades da preiteada? Estamos, reparai, na baixa Idade-Média, alfofre de alegorismo que até se tornou abusivo, como se tornam todas as manifestações de arte, quando esta vai perdendo de vista os primitivos cânones. Também Lutero teve de lutar contra o excesso de alegorismo na exegese bíblica. Arte e pensamento, estão sujeitos a esses abusos.

A Dama idealizada pela Cavalaria antiga, era escrínio de virtudes, e não poderemos nós condenar esse ideal. A Dama era branca, sem dúvida; branca como a própria pureza, como a asa duma pomba, como um floco de neve. Mas a Heroína sonhada, anjo das batalhas ou mártir da fé, era rubra como a aurora, vermelha como o sangue generoso.

A Noiva dos Cantares de Salomão também, ao descrever o Esposo, diz: "O meu amado é branco e vermelho; distingue-se entre dez mil" (cap. 5: v. 10). É formosa a versão portuguesa, sempre seguida em Almeida, Figueiredo e Brasileira: "O meu Amado é cândido e rubicundo..."

A alma cristã tem-se comprazido em ver aí o sonho do Ser Perfeito, de Esse que reúne a branca limpidez de lealdade, do carácter sem jaça, da alma pura, da mente cândida, à cor viva e brilhante do entusiasmo, à rubicúndia da vida abundante, ao vermelho do sangue que corre em prol do amigo. "Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a sua vida pelos seus amigos" (João 15:13).

Não temos nós dúvida em ver no admirável poema bíblico o amor conjugal simbolizando um amor infinitamente mais alto. O amor pequeno que cria os lares é uma miniatura do Amor Enorme que prepara o Lar celeste das "muitas moradas". Jesus é para a Igreja o Amado branco e vermelho, cuja candura e rubicúndia ideais nos encantam e enlevam e enchem as vidas de alegria e confiança.

PROJECTO DE REFORMA CANÓNICA

DA AUTORIA DO

REV. DR. DANIEL DE PINA CABRAL

CAPÍTULO III

DO CULTO DIVINO E DA ADMINISTRAÇÃO

DOS SACRAMENTOS

XXXV

Da Conformidade com o Livro de Oração Comum

1 — Os ministros observarão, minuciosamente, os Ritos e Cerimónias prescritos no Livro de Oração Comum.

2 — Verificando-se a necessidade de um Rito não contido no Livro de Oração Comum, o Bispo nomeará uma Comissão para o elaborar, e ordenará o seu uso, desde que não lhe ache, nas palavras e na ordem, qualquer desvio de sã doutrina, e o considera idóneo e reverente.

XXXVI

Dos Dias de Festa e sua Observância

1 — O LIVRO DE ORAÇÃO COMUM enuncia os dias de festa que se devem observar na Igreja Lusitana.

2 — Os principais desses dias de festa são: cada Domingo do ano, e em especial, os de Páscoa, de Pentecostes e da Trindade; os dias de Natal, da Circuncisão, da Epifania, da Anunciação á Bem-aventurada Virgem Maria, da Ascensão do Senhor e de Todos os Santos.

3 — Todos os membros da Igreja Lusitana guardarão o Domingo como o Dia do Senhor, conforme a santa vontade de Deus,

tomando parte no culto divino e abstendo-se de todo o trabalho e negócio adiável e desnecessário.

4 — Nos outros principais dias de festa, todos os membros da Igreja Lusitana devem tomar parte no culto divino, salvo se isso lhes for impedido por irremovível obstáculo.

XXXVII

Dos dias de Jejum e sua Observância

1 — O Livro de Oração Comum enuncia os dias de Jejum que se devem observar na Igreja Lusitana.

2 — Todos os membros da Igreja Lusitana guardarão o dia de Sexta-Feira-Santa, jejuando, ou praticando qualquer outra forma de auto-disciplina, orando e assistindo ao culto divino; e do mesmo modo procurarão guardar os quarenta dias da Quaresma, particularmente a Quarta-Feira de Cinzas, e os restantes dias da Semana Santa.

XXXVIII

Da Noticia dos Dias de Festa e de Jejum

Ao Domingo, durante o culto divino, o ministro anunciará, eficientemente, os dias de Festa e de Jejum que devem ser observados na semana seguinte, bem como aqueles em que a Sagrada Eucaristia haja de ser celebrada.

XXXIX

Do Comportamento Durante o Culto

Divino

1 — Os que assistem ao culto divino não devem ocupar-se de outra coisa senão em ouvir, seguir e compreender tudo quanto for lido, prégado ou ministrado, repetindo

com o Ministro a Confissão Geral, a Oração Dominical e o Credo, e respondendo todas as vezes que o Livro de Oração Comum apontar.

2 — Devem ajoelhar devotamente quando se disserem orações e estarão de pé durante os cânticos, o Credo e o Evangelho, usando da antiga reverência ao Nome de Jesus.

3 — Ninguém perturbará o culto ou o sermão, a andar ou o falar, ou por qualquer outra forma, nem abandonará a Igreja durante eles, salvo se houver forte razão.

XL

Da Santa Comunhão

1 — A ninguém é lícito consagrar e administrar o Santo Sacramento da Ceia do Senhor, se não tiver sido feito presbítero por ordenação episcopal.

2 — Ninguém será admitido à Sagrada Comunhão sem que esteja confirmado ou pronto e desejoso de o ser.

3 — É dever de todos os membros confirmados da Igreja Lusitana receber a Sagrada Comunhão regularmente, e, especialmente, nas festas do Natal, Páscoa e Pentecostes; e o Ministro exortará o povo, frequentemente, a que venha a este Santo Sacramento com penitência e na melhor disposição.

4 — Em todas as Igrejas paroquiais, salvo causa razoável aprovada pelo Bispo, a Sagrada Comunhão deve ser celebrada, ao menos, no Natal, Páscoa, Dia da Ascensão, Pentecostes e Domingo da Trindade e em todos os outros domingos e dias de festa principais.

5 — Os guardiães, por conta do FUNDO PAROQUIAL, e sob a direcção do Reitor, fornecerão a quantidade de pão e de vinho

suficiente para o número de comungantes que frequentemente recebem o sacramento; devendo o pão ser branco e da mais fina qualidade, e o vinho, bom.

6 — Nenhum Ministro admitirá à Sagrada Comunhão qualquer pessoa da sua Paróquia que seja publicamente conhecida como vivendo em pecado notório sem arrependimento, ou algum que tenha contido maliciosa e abertamente contra o seu próximo, até que se hajam reconciliado; porém, o Ministro que assim repelir alguém da Sagrada Comunhão, relatará esse facto ao Bispo, dentro do prazo de 15 dias, após o que aguardará as suas ordens e direcções.

LUSOGRAMAS

— “Porquê?” é o título dum poema da ilustre actriz Aura Abranches. Descreve com encantadora beleza e com uma doçura comovente o que vê da sua janela. Seus compadecidos olhos contemplam a miséria negra que passa e pergunta: “Porquê?”. Na pergunta humilde feita a Deus e para ser lida pelos homens, há um queixume de amor e uma exortação implícita a todos nós.

— Anuncia o telégrafo, aos quatro ventos cardeais, que o Vaticano descobriu os ossos de S. Pedro. Será muito interessante, se for verdadeiro, ainda que nada alterará do debate teológico. O que podemos afirmar é que maior descobrimento para o mundo indiferente ou iludido é o das Epístolas de S. Pedro, onde o Apóstolo nos ensina que a Pedra Fundamental é Cristo; que há um sacerdócio universal na Sua Igreja, casa espiritual firmada nessa Bendita Pedra; e donde se deduz que a verdadeira santidade provém, não de milagres físicos e intermitentes, mas do milagre universal da nossa comunhão com o Cordeiro Imaculado.

— Dos tumultos na Argentina resultou, além da morte de tantos inocentes, a destruição das colecções dum jornal, “La Prensa”. Repete-se sempre, nestas revoltas apaixonadas, o drama da clássica destruição da Biblioteca de Alexandria. Mons. Ferreira lamentava há anos a queima dos

livros heréticos perpetrada pelos visigodos, e não vem longe o tempo em que se inventariará com serenidade o prejuízo causado à ciência e à literatura pelo nazismo, com a queima dos livros judaicos e outros. Como os nossos padres, queimando ou fazendo queimar a Bíblia e livros devocionais. Quantos condenam o pecado "original", na "origem", sem reparar que ele é sempre o pecado "presente desde a origem"?

— O sr. V. R. Verster, director das Prisões na União Sul Africana, diz muito bem no seu relatório de 1953-54, agora publicado: "Nunca será demais salientar que a detenção dos prisioneiros nas instituições penais não se destina apenas a puni-los mas também... para reformar e reabilitar as pessoas detidas". E ainda podemos acrescentar que o sentido exacto de punir ou castigar é o propósito de emendar e não mero desejo de vindicta social ou aplacação da ira do ofendido pelo sofrimento do ofensor.

— Um diário trouxe em 23 de Setembro um anúncio em que se pede aos "cristãos evangélicos", para solver um encargo inadiável de dez mil escudos. Duvidamos da genuinidade do requerente e do pedido, pois estão inteiramente fora da prática e da ética dos cristãos que se congregam, estes expedientes.

— Um incêndio em Pasage de La Guardia levou os Bombeiros Voluntários de Caminha, sem passaporte nem visto, a cumprir o seu dever altruista que tão simpático os torna. Dum lado e do outro da fronteira, o fogo é um perigo e a assistência mútua uma bênção. Bem comentou o caso o "Diário de Lisboa": Quem sabe se assim se inaugurou uma nova era de fronteiras talhadas só pelos grandes sentimentos!

— A Reuter, dando notícia da deposição do patriarca da "Igreja Copta Ortodoxa (cristã) do Egipto", chefe espiritual de três milhões de coptas no Egipto, Etiópia, Sudão, Costa do Ouro e África do Sul, não nos elucida sobre os motivos dessa deposição, que não pode ser seguida de nova eleição, por se tratar de cargo vitalício. Presentem-se aí causas políticas, pois o venerando ancião fora pouco antes alvo de um atentado. O que merece esclarecimento é o título dado à Igreja Copta, que não faz parte da Confissão Ortodoxa, à qual a Comunhão Romana chama "cismática". Aquela é um ramo da Igreja Monofisita, caracterizada pela crença de que a natureza humana de Nosso Senhor foi absorvida pela natureza divina. A observação de que essa Igreja é cristã, é uma ingenuidade telegráfica.

— Entre os grandes homens da Guerra Peninsular destacaram-se dois com defeito físico: o inglês Beresford, sem um dos olhos, foi um famoso organizador; o francês Loyson, sem um braço, foi um devastador cruel, que o nosso povo das aldeias odiou, devido à sua estúpida maldade. O mal e o bem podem desenvolver-se mesmo com esses **déficits**.

— Para a biblioteca que na povoação de Pisão (Coja) se inaugurou em 25 de Setembro, em memória de D. José Alves Matoso, seu filho ilustre, foi desejado o envio da nossa revista (interesse excepcional, este!) Enviámo-la há muito como amostra, e o desejo persistiu, assim como a nossa oferta. Um caso de inteligente tolerância, que temos gosto em registar.

— A Ultra-Reforma substituiu o escândalo da multiplicação de invocações de santos, pelo escândalo, não menor, da proliferação de seitas. Quem o poderá negar, num e noutro caso, com a Bíblia aberta?

— A Igreja vê no seu Credo, que repete reverente, um regresso contínuo; e no sermão que escuta respeitosa, uma contínua revisão. Esse regresso e essa revisão são elementos da "novidade de vida" recomendada por S. Paulo.

— Uma nota bem frisante do conhecido técnico de turismo sr. Guerra Maio: "Lisboa e o Tejo estão às escuras", durante a noite. Fez-nos pensar numa outrã treva que se adensa nas almas, provocada pela ausência de ideais vivos, pela morna e cinzenta indiferença acerca dos grandes problemas da vida, pelo empolgamento completo das energias espirituais, gastas no clubismo superficial do futebol; no cinema do peor, no romance policial barato... e que mais?

— Ainda a propósito da magnífica campanha da alfabetização, ou melhor, da educação dos iletrados, lembremos que há cento e dez anos o Dr. Roberto Reid Kalley, na ilha da Madeira, ensinou a ler mais de duas mil pessoas, que por ele foram também encaminhadas no Evangelho de Cristo. Ao tempo a miséria e a ignorância eram muito grandes na bela ilha. Honremos a memória do "Santo Inglês", como o povo de começo lhe chamou, antes da perseguição.

— Que teria sucedido a Portugal se o Marquês de Pombal fosse verdadeiramente um jansenista, e não um político que, em certa medida, se serviu do jansenismo para combater a Companhia de Jesus? Estes problemas de "história às avessas" são meros jogos de ginástica mental, para muitos críticos, mas outros há que os usam para fazer uma "instrução

contraditória" no processo jurídico que, em certo plano, é a História.

— Antigamente gostávamos de grandes macissos de flores iguais na côr, ainda que, por vezes, de diferente tonalidade. Agora, parece terem sido os Ingleses que lançaram a moda dos canteiros multicôres, e já em tudo se vai usando esse multicolorido. Menos nos uniformes dos asilos... E se se adoptasse um emblema da instituição em trajos diversos, para alegrar a juventude e quem a vê marchando?

— "O Clarim Evangélico", intemerato órgão episcopaliano do Rio de Janeiro, transcreveu de "Ecclesia" o artigo "Dias melhores virão", do nosso ilustre colega Rev. A. P. Araujo.

— O 5.º Domingo de Abril próximo é o dia 29, aniversário da Liberdade definitiva dos Escravos em Portugal. Uma oportunidade para louvar a Deus por essa vitória.

— Conta-nos o Dr. João T. Tucker que Maxwell Wright, que era um evangelista leigo anglicano, lhe fizera uma vez notar como nas igrejas "livres" (outros lhes chamam irregulares ou "acanánicas") se dava demasiado relêvo ao homem, ficando este assim com uma responsabilidade superior às suas limitações humanas; enquanto que com uma liturgia produzida pela Igreja em séculos de experiência, o facto da Cruz da Redenção tinha sempre o seu lugar central e nunca poderia ser esquecido.

NA SEARA

IGREJA DE SANTA TRINDADE

Esta Igreja, estabelecida na região do Uige, na Vila Marechal Carmona, tem mostrado, desde há tres para quatro anos, um desejo crescente de se ligar à Igreja Lusitana. A Missão do Norte de Angola, dirigida pelo nosso bom amigo sr. Archibald A. Patterson, foi a fundadora e tem sido a orientadora desta Igreja e de todas as outras que existem e se vão desenvolvendo e multiplicando numa extensa área, onde se registam já trinta mil membros cristãos comungantes e casos admiráveis de fidelidade evangélica.

NO 7.º CENTENÁRIO DO FORAL DE GAIA

A Igreja de S. João Evangelista, no Torne, Vila Nova de Gaia, promoveu em 9 de Outubro um serviço comemorativo do sétimo centenário do Foral desta vila, que tão nobres tradições tem na nossa querida Pátria. Prêgou o sermão alusivo o Rev. Dr. Daniel de Pina Cabral, depois de liturgia especial; e o produto do ofertório reverteu a favor do Hospital da Misericórdia de Gaia.

Maria da Conceição Costa Lemos

Em 26 de Dezembro, na idade de 99 anos, chamou Deus a Si a ilustre senhora que tantos estimaram e admiraram por seu talento poético, sua obra de professora evangélica, exercida em largos anos, sua vivacidade de espírito e altas virtudes. Era mãe da igualmente ilustre professora senhora D. Lavínia de Figueiredo, a quem, como a todos os queridos que sentem a sua ausência, enviamos os nossos pêsames.

O Livro e os Livros

NÃO muitas ofertas temos a registar, que as empresas evangélicas em geral não pretendem a crítica, nem mesmo que por ela obtenham publicidade honesta, não propaganda meramente comercial. Mas o certo é que temos bastantes para só nos podermos referir hoje a uma parte delas.

O querido amigo António Alvaro Dória continua produzindo muito e bem. Em "Duas figuras portuguesas em obras inglesas", onde se mostra mais uma vez um digno continuador do general académico Fernandes Costa neste género de prova investigação. Em "Desporto, Cinema e Educação" reuniu o mesmo A. seus magníficos artigos primeiramente publicados no valente órgão escotista "Sempre Pronto". Ética indiscutível, sólida, lógica, e elegância de expressão, foram regalo para nós o relemo-lo em opúsculo.

"Aos Pés de Cristo", Offícios de Instrução para Catecúmenos", é o título dum muito útil opúsculo que o "Movimento de Revigoração da Igreja" ainda lançou à publicidade, principalmente preparado pelo Rev. Dr. Luís Rodrigues Pereira. Com ele se supre uma necessidade da nossa Igreja, assim como da Missão do Norte de Angola.